



CDD: 371.3078

A TECNOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL ENTRE IMIGRANTES DE SEGUNDA GERAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESCOLA BRASILEIRA NO JAPÃO

Thiago Amaral Minami¹

RESUMO: As escolas brasileiras no Japão recebem jovens filhos de imigrantes brasileiros que se comunicam em língua portuguesa. Em desvantagem social, esse grupo minoritário sofre as consequências da imigração laboral, como problemas de identidade, familiares ausentes, laços de amizade efêmeros e discriminação. Nosso trabalho explorou como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são utilizadas por esses jovens e levantou possibilidades para aplicá-las em sala de aula. Em um workshop de quatro encontros, com a utilização de questionários quantitativos e análise qualitativa da experiência, realizamos uma fotonovela digital com 21 alunos, entre 12 e 17 anos, para debater as dificuldades socioeconômicas e psicossociais enfrentadas pela comunidade brasileira no Japão oriundas da crise financeira em 2010. Os adolescentes produziram uma fotonovela em que se verificaram questões-chave no cotidiano da comunidade brasileira, como o preconceito, a dificuldade na recolocação profissional, a falta de perspectivas para o futuro e a fragilidade das relações interpessoais. As TICs facilitaram a concepção e a divulgação do conteúdo produzido. Por outro lado, encontramos dificuldades em adaptar a ação coletiva e horizontal dentro de uma cultura escolar calcada na transmissão hierárquica de conhecimento. O uso das TICs criou espaço de expressão e reflexão acerca de questões particulares à imigração e à condição de minorias entre os adolescentes, o que abre espaço para novas tentativas futuras nesse sentido. Para ampliar a eficácia de experiências afins, no entanto, é preciso o trabalho conjunto com práticas que tragam os alunos para uma estrutura horizontal de aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Comunicação. Imigração. Minorias.

TECHNOLOGY FOR THE CONSTRUCTION OF SOCIAL IDENTITY AMONG SECOND-GENERATION IMMIGRANTS: NOTES ON AN EXPERIENCE AT A BRAZILIAN SCHOOL IN JAPAN

ABSTRACT: Brazilian schools in Japan accept young immigrants who communicate in Portuguese. In social disadvantage, this minority group suffers consequences from labor migration, such as identity issues, absent family, weak friendship bonds and prejudice. Our work explored how digital media is used by the students and opportunities for it to enhance learning. In a four-meeting workshop, using quantitative surveys and qualitative analysis, we developed a digital fotonovela with 21 students aging from 12 to 17 years old in order to debate socioeconomic and psychosocial problems faced by the Brazilian migrant community as a result of financial crisis in 2010. The adolescents produced a fotonovela in which key questions concerning the Brazilian community's issues were mentioned, such as prejudice, difficulties on finding a new job, lack of perspectives for the future and the fragility of relationships. Digital media facilitated the creation and divulgation of the fotonovela. On the other hand, we met difficulties to adapt horizontal and collective action within a school culture based on hierarchical

¹ Jornalista. Mestre em Estudos da Informação pela Graduate School of Interdisciplinary Information Studies da Universidade de Tóquio. Doutorando em Nutrição em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo; E-mail: tminami@usp.br

Recebido em: 05/09/2012 – **Aceito em:** 15/07/2013.

knowledge transmission. Digital media use created an opportunity of expression and reflection about issues related to immigration and minorities' condition among the adolescents, which opens space for new attempts. However, actions to involve students in a horizontal learning structure are required, including a particular approach on media literacy.

KEYWORDS: Education. Communication. Immigration. Minorities.

**TECNOLOGÍA EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD SOCIAL
ENTRE LOS INMIGRANTES DE SEGUNDA GENERACIÓN:
INFORME DE EXPERIENCIA EN LA ESCUELA DE BRASIL EN JAPÓN**

RESUMEN: Escuelas brasileñas en Japón reciben los niños de los inmigrantes brasileños que se comunican en portugués. Socialmente desfavorecidos grupo minoritario que sufre las consecuencias de la migración laboral, como los problemas de identidad, familia perdida, amistades, efímera y de la discriminación. Nuestro trabajo explora cómo las Tecnologías de la Comunicación (TIC) de la información y son utilizados por los jóvenes y las posibilidades de aplicarlas en el aula. En un taller de cuatro sesiones, con el uso de cuestionarios cuantitativos y el análisis cualitativo de la experiencia, una fotonovela digital, llevado a cabo con 21 estudiantes, entre 12 y 17, para discutir las dificultades socioeconómicas y psicosociales que se enfrenta la comunidad brasileña en Japón derivados de la crisis financiera 2010. Os en adolescentes producen una fotonovela donde había cuestiones clave en la comunidad brasileña cotidiana, como los prejuicios, la dificultad para la recolocación, la falta de perspectivas de futuro y la fragilidad de las relaciones interpersonales. Las TIC han facilitado el diseño y la difusión de contenidos de producción. Por otro lado, encontró dificultades para adaptarse a la acción colectiva y horizontalmente dentro de una cultura escolar basada en el uso conocimiento. La transmisión jerárquica de las TIC ha creado un espacio para la expresión y la reflexión acerca de la inmigración y en particular cuestiones relativas al estatuto minoritario entre los adolescentes, lo que abre un nuevo espacio para futuros intentos en esta dirección. Para extender la efectividad de experimentos relacionados, sin embargo, tenemos que todas las prácticas de trabajo que llevan a los estudiantes a un aprendizaje de la estructura horizontal.

PALABRAS CLAVE: Educación. Comunicación. Inmigración. Minorías.

1 INTRODUÇÃO

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) facilitaram o acesso a ferramentas poderosas de produção e divulgação de conteúdo ao público geral, que agora pode almejar possibilidades antes restritas aos meios de massa. É cedo ainda, no entanto, para afirmar que uma revolução social esteja ocorrendo. O modelo mercadológico da comunicação ainda não foi revertido – são poucos conglomerados empresariais que detêm o poder sobre as ferramentas e, assim, dominam a dinâmica das relações emissor-receptor.

Ao mesmo tempo, se a grande revolução não aconteceu, outra de menor escala, mas enorme relevância, tem se provado verdadeira. É o que apontam diversos estudos, como será discutido a seguir. As TICs mostram-se eficientes em empoderar grupos minoritários e, dessa maneira, promover alterações na esfera social. Esses grupos ganham chances maiores para integração e mobilização dentro do próprio grupo e deste

com outros. Além disso, ampliam o acesso à informação e a uma plataforma de comunicação que permite a construção de novos contatos entre indivíduos que estão distantes fisicamente.

Este artigo apresenta o relato de uma experiência em educomunicação com um grupo minoritário em desvantagem social – imigrantes adolescentes brasileiros no Japão – utilizando as TICs.

2 O PODER NAS MÃOS DAS MINORIAS

A contribuição dada pelas TICs a grupos minoritários diferem de acordo com as demandas de cada um. Mehra, Merkel e Bishop (2004) dão exemplos de como computadores e a internet têm sido utilizados para o empoderamento de minorias e usuários marginalizados socialmente nos Estados Unidos – como é o caso de grupos gays, mulheres negras e famílias de baixa renda.

Nos grupos de mulheres negras e famílias de baixa renda pesquisados, os autores mostram que o grande ponto de virada surgiu do acesso à informação, pela internet, sobre temas como saúde e educação. Em grupos de minorias sexuais, expandiu-se também a mobilização política. Esses, aliás, parecem ser os mais experientes no uso da internet para fortalecer os laços dentro do grupo e garantir maior representatividade na sociedade na esfera política e cultural. Por exemplo, a rede é utilizada para manifestações de grupos e indivíduos e compartilhamento de informação, além de ser uma importante ferramenta para conhecer pessoas que fazem parte do mesmo grupo e manter contato com elas. Em determinados locais da Ásia, por exemplo, Berry, Martin and Yue (2003) observaram uma íntima conexão entre a emergência de comunidades gays e o desenvolvimento da tecnologia da informação (TI).

A literatura científica mostra que imigrantes, outro grupo minoritário, utilizam as TICs – e também a mídia convencional – no processo de “adaptação cultural recíproca”² aos seus novos lares (LEMISH & LEMISH, 2009). Este é o caso de grupos observados no Reino Unido, nos Estados Unidos, em Canadá, Israel e Alemanha (GEORGIU, 2009; KOZAR, 2009; MITRA, 2009).

² Kim define a adaptação cultural recíproca (em inglês, “*cross-cultural adaptation*”) como “o processo dinâmico pelo qual indivíduos, ao se relocar em ambientes culturais novos ou estranhos, estabelecem (ou reestabelecem) e mantêm com esses ambientes relações relativamente estáveis, recíprocas e eficientes” (2001:31). Trata-se de um substituto para termos enviesados como “aculturação”, “assimilação” ou “integração”.

Outros estudos apontaram a importância das TICs para jovens imigrantes que, uma vez vivendo no exterior, sentem a necessidade de interagir intensamente com a sociedade de origem. D’Haenens (2003) mostra que, na Holanda, adolescentes com algum tipo de background estrangeiro encontraram na internet fontes para reforçar a identidade étnica ao procurar informações sobre cultura e religião ou encontrar companheiros e origem parecida. Descobertas parecidas vêm de estudo realizado por Rydin e Sjöberg’s (2008) na Suécia com famílias de refugiados. Lemish & Lemish (2009) notaram que, em Israel, a primeira geração de imigrantes provenientes da antiga URSS também mantinha “contato online com a terra natal e amigos deixados para trás”.

3 O CASO DOS ADOLESCENTES BRASILEIROS NO JAPÃO

Desde o fim dos anos 1980, brasileiros descendentes de japoneses e familiares iniciaram um movimento migratório constante entre Brasil e Japão. Basicamente, uma mudança nas leis imigratórias japonesas com o objetivo de fornecer mão de obra não qualificada para a indústria local garantiu a entrada de milhares dos chamados “decasségus”³. A comunidade brasileira no Japão atingiu um ápice de 316.967 pessoas em 2007, dos quais cerca de 50 mil eram crianças e adolescentes em idade escolar (IMMIGRATION, 2008).

A literatura mostra diversos relatos de jovens que sofreram dificuldades diversas na condição de minoria (CASTRO-VÁSQUEZ, 2009; HATANO, 2006; MAXWELL, 2006; NAKAGAWA, 2005). Se recursos financeiros em geral não eram problema – devido aos bons salários recebidos nas fábricas pelas famílias –, maus-tratos nas escolas públicas, dificuldades com língua e cultura locais, preconceito, crises de identidade e afastamento de parentes e amigos atentavam contra o bem-estar dos estudantes. Estima-se que cerca de 20% acabavam abandonando as escolas públicas locais para trabalhar em fábricas após a conclusão do Ensino Fundamental, em vista da impossibilidade de aprender (NOZAKI, 2009).

Para minimizar o problema, membros da comunidade criaram escolas particulares com ensino em português e currículo brasileiro para abarcar aqueles que pretendiam voltar logo ao Brasil ou não se adaptavam ao sistema educacional japonês. Embora a qualidade do aprendizado estivesse muitas vezes aquém do desejável e as instituições⁴ falhassem em preparar os estudantes para a situação em que viviam, no

³ Literalmente “aquele que deixa a casa”, essa palavra japonesa designa aqueles que procuram emprego longe do lar. Um dos primeiros usos se deu para migrantes da província de Okinawa, que saíam da terra natal para trabalhar em outras partes do Japão.

⁴ É importante observar, no entanto, que o objetivo principal de tais instituições é o lucro, pois se tratam de empresas privadas.

cômpito geral tornaram-se oásis para aqueles que se encontravam marginalizados (NAKAGAWA, 2005).

À parte da escola, os jovens enxergaram nas TICs um meio importante para lazer, congregação e afirmação da identidade. Uma pesquisa com 800 questionários distribuídos pela ONG Criativos em 2007 (OHPHATA, 2007) mostrou que 98% dos estudantes usavam internet em casa e 81% tinham telefones celulares com acesso à rede.

Em workshop que realizamos para esta pesquisa com um grupo de 21 estudantes entre 12 e 17 anos de uma escola brasileira localizada na província de Ibaraki, constatamos que a internet é bastante utilizada para obter informações em português sobre assuntos de interesse, como jogos eletrônicos, celebridades e música. Apesar da vida no Japão, as referências culturais dos adolescentes eram basicamente as mesmas daqueles que estão no Brasil, ou seja, formadas de artistas e produtos culturais brasileiros ou em língua inglesa. Redes sociais e programas de mensagens instantâneas para se comunicar com amigos e familiares – próximos e distantes – também eram populares.

Os jovens imigrantes brasileiros gastavam quase todo o tempo livre utilizando computadores ou jogando *games*. A princípio, isso pode parecer negativo. No entanto, as TICs apresentavam-se como a única alternativa frente à falta de lazer, reservado apenas aos falantes da língua local. Tampouco havia espaço para a interação com colegas, que residiam longe um dos outros, e com familiares, que trabalhavam em jornadas de até 12 horas diárias, às vezes em turno noturno, e com pouco espaço para folgas.

Nesse caso, as TICs constituíram-se um importante meio de obter lazer e informação, além de manter relações com colegas e parentes distantes. Uma das características da vida decasségui é o nomadismo das famílias, que se movem constantemente pelo território japonês em busca de melhores salários e também entre Japão e Brasil, terminando por ameaçar os laços interpessoais estabelecidos entre os jovens. A internet possibilitava manter contato quando a distância geográfica já não permitia mais.

Alguns jovens foram além e usaram as TICs para se expressar ao mundo e fortalecer conexões dentro da comunidade. É o que fizeram os adolescentes Luis Itiki e Vitor Moretti Niwa.

Luis, que agora vive no Brasil, passou sua adolescência no Japão, onde criou o programa de TV na internet *Superteen*. Baseando-se na linguagem do canal jovem

MTV, ele abordava tópicos diários relacionados a interesses e preocupações dos brasileiros no Japão, com uma mistura de música e entrevistas. Após encerrar as transmissões, o garoto utilizou uma câmera digital simples para filmar o curta *Tudo por Laranjas*,⁵ que conta a história de três garotos brasileiros vivendo no mesmo conjunto habitacional no Japão. Quando as famílias deles decidem se mudar, a amizade dos três é ameaçada. Para divulgar a produção, Luis utilizou o website YouTube, de divulgação de vídeos na internet.

Já Vitor foi o diretor/ator/âncora/reporter da TV Toyota,⁶ um canal online criado por ele no mesmo website para apresentar conteúdo de ficção e não-ficção à comunidade brasileira no Japão. Com a ajuda de apenas um amigo, ele dá um exemplo autêntico do que é mídia étnica de minoria usando apenas uma pequena câmera fotográfica e cenários feitos à mão. Como atesta Jenkins et al. (2009),

o enfoque nos efeitos negativos do consumo de mídia oferece um panorama incompleto. Não dá conta de mostrar apropriadamente as habilidades e conhecimentos que os jovens estão obtendo através do envolvimento com as novas mídias e, como consequência, acaba por nos confundir quanto aos papéis que professores e pais devem desempenhar ao ajudar crianças a aprender e crescer.

Além de fazer diferença na vida social dos jovens imigrantes, acreditamos que as TICs têm grande potencial também para ajudar a sanar necessidades da educação voltada a eles. Por essa razão, desenvolvemos a pesquisa descrita a seguir.

4 WORKSHOP “CONSTRUTORES DA MÍDIA”

As escolas brasileiras no Japão concentram seus esforços em preparar os alunos para voltar ao Brasil e prestar vestibular no país de origem, sem dar conta de explorar as múltiplas possibilidades da educação voltada às minorias. No caso dos jovens imigrantes, entendemos que o objetivo principal a ser atingido deveria ser a formação de indivíduos capazes de transitar entre Brasil e Japão livremente, sem sofrer marginalização em nenhum dos dois lados. O resultado muitas vezes é justamente o contrário.

Um dos problemas mais sérios enfrentados pelas escolas é a falta de recursos financeiros e didáticos. O corpo docente é frequentemente constituído de imigrantes que deixaram o trabalho nas fábricas japonesas para assumir um serviço que exigisse menos

⁵ FONTE – Trailer disponível em www.youtube.com/watch?v=zKt6iQJMyAE. Último acesso em 17.jul. 2012.

⁶ FONTE – Vídeos disponíveis em <http://www.youtube.com/user/tvtoyota>. Último acesso em 05.set.2012.

fisicamente. Eles nunca lecionaram ou ficaram longos períodos longe das escolas, sem devida preparação e atualização para o posto (NAKAGAWA, 2005).

Frente a essas questões, propusemos o uso das TICs como ferramentas para práticas em educomunicação que auxiliassem no acesso à informação e ao desenvolvimento de atividades voltadas a pontos explorados apenas informalmente no ambiente escolar, como identidade e cidadania no novo país.

Esse foi o berço do workshop “Construtores da Mídia” (CDM), realizado ao longo de quatro encontros de duas horas cada em escola brasileira na província de Ibaraki, um dos pontos de concentração de trabalhadores brasileiros no Japão. Dada a curta extensão do projeto, decidimos usar as TICs para auxiliar na discussão de um ponto específico relacionado à condição de grupo minoritário: a situação socioeconômica da comunidade brasileira no Japão em 2010. Tratava-se de um período delicado, em que uma forte crise assolava a economia local e havia consumido o emprego de metade dos brasileiros. Muitas escolas fechavam e famílias retornavam ao Brasil, algumas com ajuda financeira do governo nipônico. Ao mesmo tempo, queríamos também levar os estudantes a refletirem sobre a própria identidade, as relações interpessoais e as perspectivas de vida.

Para fomentar a reflexão, o formato escolhido foi a fotonovela, em virtude da praticidade para ser feita em ambiente escolar. Apesar de supostamente antiquada, a fotonovela não foi reconhecida pelos alunos como algo “estranho”, tampouco desmotivante – talvez pela semelhança com a linguagem das histórias em quadrinhos, bastante divulgada no Japão. Roteiro, diálogos e personagens foram desenvolvidos por eles, organizados em funções como “atores”, “fotógrafos” e “roteiristas”. As decisões tomadas pelos responsáveis eram posteriormente debatidas em grupo e, em caso de discórdia, levadas à votação.

As TICs facilitaram a execução do trabalho, com câmeras digitais e ferramentas de edição digital, e a divulgação dele, por meio da internet. Enfatizamos que a tecnologia não foi em nenhum momento o centro ou o elemento motivador para a atividade existir. De acordo com Mayer (2005), o uso da multimídia na educação deve se centrar no aprendiz, de modo que a pergunta principal que educadores devem fazer é “como podemos adotar recursos multimídia para ajudar a cognição humana?”, em vez de “como podemos usar a tecnologia de ponta para criar o ensino multimídia”. Para que isso não ocorra, é essencial a associação entre a educação e a comunicação de maneira equilibrada e orgânica. A comunicação, nesse ponto, deve deixar o caráter fetichista do consumo e assumir o papel de “relação, como modo dialógico de interação do agir comunicativo” (SOARES, 2011).

Para obter mais informações sobre o perfil do grupo participante, foram aplicados na fase inicial questionários quantitativos para saber características dos membros e a relação destes com a mídia no cotidiano. Também nesse período, que durou dois encontros, foi trabalhada em grupo uma introdução à alfabetização para a mídia (*media literacy*).

5 RESULTADOS

Com base na pesquisa quantitativa, encontramos alguns dados relevantes para a compreensão do perfil do grupo de alunos. Eram 52% os que estudavam na escola havia de um a dois anos, o que pode ser um indício de alta rotatividade deles. É possível que a conexão tênue com a sociedade local seja um fator relevante para os 57% que nunca haviam passado pela escola pública japonesa, e os 60% que viveram de cinco a nove anos no Brasil. Quase todos os alunos julgavam “regular” o próprio conhecimento em língua japonesa. Apenas um marcou “bom”; nenhum se disse fluente.

Quanto ao uso das TICs, todos possuíam computadores em casa com internet. Todos disseram usar programas para trocar mensagens instantâneas e webchat. Celulares faziam parte da vida de 71% e os usos mais citados foram “enviar mensagens”, com 33%, e “tirar fotos”, com 30%. Quanto ao uso das TICs no aprendizado, todos disseram usar a internet para fazer lição de casa, mas apenas 38% consideravam a rede essencial para os estudos.

No workshop CDM, notamos que a presença de diferentes idades no grupo – algo comum nas escolas brasileiras no Japão – abria espaço para que os mais velhos liderassem. Durante o processo de produção, houve um aumento crescente de interesse no trabalho à medida que a construção da história deixava o papel para se transformar em imagens. Receávamos que talvez os alunos, acostumados a jogos eletrônicos e filmes com edição acelerada, não se interessassem por fotografias estáticas. No entanto, a presença de elementos visuais já se mostrou suficiente para conquistar atenção especial – como observaram, inclusive, as professoras que acompanharam a atividade.

O roteiro da fotonovela pode ser resumido assim: uma brasileira operária no Japão, chamada Alfreda, é demitida da fábrica devido ao corte de gastos causado pela crise econômica. Ao voltar para casa, ela surpreende o marido aos abraços com a melhor amiga. Após tentar sem sucesso conseguir um novo emprego, ela se desespera por não ter com quem contar e recorre ao governo japonês para obter ajuda financeira e retornar ao Brasil. Já de volta ao país de origem, ela aposta na loteria e é sorteada.

A discussão coletiva do roteiro revelou percepções distintas sobre a situação discutida. Por exemplo, sobre por que os brasileiros estavam com dificuldade para encontrar trabalho. Alguns estudantes sugeriram que a protagonista era vítima de preconceito, rejeitada por ser brasileira. Outros acreditavam que não fazia sentido, pois os japoneses tampouco conseguiam a recolocação. Houve também discussões acerca da decisão de aceitar a ajuda do governo⁷ para voltar ao Brasil – um tópico polêmico inclusive entre os adultos da comunidade. Alguns alunos acreditavam que a melhor atitude seria permanecer e lutar contra a crise.

Eu havia planejado intervir na execução das fotos apenas em caso de algum tipo de risco para os alunos, como excessos na autoexposição. No entanto, eles mesmos se mostraram capazes de eliminar as chances de que isso ocorresse. Por exemplo, um grupo decidiu que a companhia onde Alfreda trabalhava deveria ter o mesmo nome de uma das que mais empregava brasileiros na região. Um aluno manifestou-se contra, pois acreditava que aquilo se tornaria uma propaganda para a empresa – ao final, o nome foi alterado. Em outra cena, o marido da protagonista e a amante deveriam dar um abraço “picante”, segundo o roteiro. Contudo, os próprios atores consideraram inadequado e abrandaram o contato.

No final, a fotonovela provou-se um meio eficiente de reflexão sobre os problemas reais que os adolescentes enfrentavam. Preconceito, dificuldades econômicas, falta de perspectivas para o futuro e a fragilidade das relações interpessoais dentro da comunidade brasileira estavam presentes na história. O final – um típico “happy end” – refletia a esperança que, a despeito das dificuldades, ainda se mantinha viva. No entanto, a resolução pelo acerto na loteria deixa claro que o caminho para resolver os problemas era ainda visto como milagroso.

6 CONCLUSÃO

Por meio de abordagem em educomunicação no uso das TICs, os adolescentes puderam se expressar e refletir sobre temas relacionados ao cotidiano dos imigrantes brasileiros no Japão. Também sobre aqueles particulares à segunda geração, como as relações interpessoais, a falta de perspectivas frente à crise econômica e a posição dos indivíduos entre Brasil e Japão.

⁷ Durante alguns meses no período de crise, o governo japonês ofertou um auxílio de 300 mil ienes (cerca de R\$ 7.50000) para brasileiros retornarem ao país de origem, sob a condição da perda do visto de trabalho por tempo indeterminado.

Nota-se que a tecnologia foi empregada como elemento já presente no cotidiano de todos os membros do grupo, e não algo exterior, cujas possibilidades deveriam ser ainda desvendadas. Prova disso é a naturalidade demonstrada pelos adolescentes no trato com celulares e internet, já frequentemente utilizados por eles no cotidiano. Muitos, por exemplo, dependem de webcams e computadores para manter contato com parentes e amigos distantes, em outras regiões do Japão ou vivendo no Brasil.

A criação de espaços de reflexão sobre a condição particular do grupo mostrava-se urgente, pela falta de outros canais dentro da sociedade local que permitisse tais manifestações. Trata-se de algo que deve estar presente nas escolas que lidam com grupos minoritários. Nossa hipótese, de que as TICs podem criar canais de expressão já naturais para os alunos e interessantes pelas facilidades que trazem, foi comprovada na experiência e abre espaço para novas tentativas. Em nossa pesquisa, a tecnologia digital tornou o processo de produção e divulgação da fotonovela simples, rápido e barato – um pré-requisito frente às dificuldades econômicas das escolas em questão. Ademais, a inserção posterior do material na internet criou uma motivação extra para desenvolver o trabalho.

O trabalho prático, que utilizou o lado artístico e criativo na discussão de temas diretamente relacionados ao cotidiano, atendeu as expectativas de provocar motivação evidente nos alunos. Após alguma resistência inicial, eles mostraram-se abertos e participativos.

A reflexão dentro do ambiente escolar sobre a própria situação como grupo minoritário e entender as causas e consequências envolvidas é um passo importante na adaptação cultural recíproca. Durante esse processo, anseios, receios, impressões e experiências deixam o indivíduo para ganhar novos significados dentro do grupo todo, o que reduz possíveis sensações de isolamento e abandono características da condição de minoria. Esse é o passo inicial para a preparação como cidadão ativo tanto no país receptor quanto no de origem.

Ao longo do workshop, contudo, encontramos desafios que podem ser comuns a outras tentativas de trabalhar práticas em educomunicação nas escolas, sejam ou não voltadas a minorias.

Em primeiro lugar, alguns alunos revelaram durante as discussões a percepção de que a internet é espaço para criações comerciais com muitos recursos, a exemplo dos meios de massa. Um dos argumentos colocados: “difícilmente alguém vai querer acessar uma fotonovela dessas, sem grana”.

Mais complexo que esse é o desafio em relação à postura dos alunos quanto a um ambiente aberto e coletivo de debate e construção. Na primeira fase do workshop, em que realizamos pesquisas sobre fotonovelas e crise econômica no Japão, muitos trouxeram folhas de caderno preenchidas à mão com informações copiadas da internet. Na hora de apresentar o que haviam coletado, apenas liam os manuscritos. É possível que isso se deva a uma cultura escolar que não incentiva a autonomia dos alunos na construção do conhecimento e, sim, a reprodução de fontes de informação.

Um terceiro desafio para o educador é procurar alternativas aos serviços e produtos oferecidos pelas grandes empresas. No trabalho que desenvolvemos, as fotos dependiam de câmeras digitais. Como todos os alunos tinham telefones celulares que tiravam fotos, não houve problemas. No entanto, num grupo em que isso não ocorresse, seria necessário encontrar meios para evitar a pressão para o consumo entre aqueles que não têm acesso à tecnologia. Encontramos também dificuldades ao selecionar uma página na internet para colocar a fotonovela. Havia muitos serviços pagos ou mantidos por corporações como Google e Yahoo!. Ainda que em muitos casos inevitáveis, o incentivo ao uso de ferramentas mantidas por essas empresas deve ser trabalhado com cautela. Durante uma das atividades, por exemplo, alguns alunos disseram não saber que o Google era, na verdade, uma companhia com sede física e funcionários.

Como fatores limitantes desta pesquisa, apontamos a dimensão restrita do grupo em que foi realizada a intervenção, dadas as limitações técnicas envolvidas. Também se pode questionar se resultados semelhantes teriam sido obtidos com o uso de materiais convencionais, como cartazes e fotos de papel. Provavelmente, sim, mas com gastos mais altos e preparação mais trabalhosa (compra de materiais, revelação do filme fotográfico, etc). O uso das TICs, no caso, não promoveu mudanças radicais na operação envolvida – buscaram apenas alterações simples, que podem fazer diferença no cotidiano atarefado dos professores. Tem-se, ainda, a motivação de ter o resultado final exposto na internet, que expande as possibilidades de se falar ao mundo.

REFERÊNCIAS

BERRY, C.; MARTIN, Fran; YUE, Audrin (Ed.). **Mobile cultures: new media in queer Asia** (consoling passions). Durham: Duke University Press, 2003

CASTRO-VÁZQUEZ, Genaro. Immigrant children from Latin America at Japanese schools: Homogeneity, ethnicity, gender and language in education. **Journal of Research in International Education**, Singapore, v. 8, n.1, p. 57-80, 2009.

D'HAENENS, Leen. ICT in multicultural society: the Dutch experience. In: ANNUAL

REUNION INTERNATIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION, 2003, San Diego. **Meeting...** San Diego : ICA, 2003.

GEORGIU, M. **Diaspora, identity and media:** diasporic transnationalism and mediated spatiliaties. Cresskill, NJ: Hampton Press, 2006.

HATANO, Lilian Terumi. Zainichi Burajirujin Jidou no Kyouikukara miru Nihon shakai no Ouminzokuka Joukyou . **Ritsumeikan University Language and Cultural Studies**, Kyoto, v.17, n. 3, p. 1-12, 2006.

IMMIGRATION OFFICE OF THE JAPANESE MINISTRY OF JUSTICE. **Heisei 20th Year - Statistics of Foreigners Registered in Heisei 20 Year**. Tokyo, 2008.

KIM, Y. Y. **Becoming intercultural:** an integrative theory of communication and crosscultural adaptation. Thousand Oaks: Sage, 2001.

KOZAR, S. Leaves. Glened from the Ten-thousand-dimensional web in heaven: Chinese online publications in Canada. **Journal of American Folklore**, Boston, v.115, n.456, p.129-5.

JENKINS, Henry et al. **Confronting the challenges of participatory culture:** media education for the 21st Century. Massachusetts: The MIT Press, 2009. E-book.

LEMISH, Elias; LEMISH, Dafna. Spinning the web of identity: the roles of the internet in the lives of immigrant adolescents. **New Media & Society**, Chicago, v.11, n.4, p. 533-551, 2009.

MAYER, Richard E. Introduction to multimedia learning. In: MAYER, Richard E. (Ed.). **The Cambridge handbook of multimedia learning**. New York: Cambridge University Press, 2005. p.1-18.

MAXWELL, Roberto. Escola japonesa ou escola brasileira?: escola e educação de crianças brasileiras na cidade de Hamamatsu. In: **GAIKOKUJIN** Shizoku to Chidoushakai e Sanka: 2006 nen Hamamatsu-shi Gaiokujin Chousa no Komakai Bunseki, 2006. p.103-111

MEHRA, Bhurat; MERKEL, Cecilia ; BISHOP, Ann Peterson. The internet for empowerment of minority and marginalized users. **New Media & Society**, Chicago, v.6, n.6, p.781-802, 2004.

MITRA, A. Diasporic websites: ingroup and outgroup discourse. **Critical Studies in Mass Communication**, Annandale, v.14, n.2, p.158-181, 1997.

NAKAGAWA, Kyoko Yanagida. **Crianças e adolescentes brasileiros no Japão: Províncias de Aichi e Shizuoka**. 220 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - PhD diss., Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

NOZAKI, Izumi. Fracasso escolar e linguagem: um estudo sobre a evasão escolar das crianças brasileiras migrantes no Japão. In: SEMINÁRIO EDUCAÇÃO, 2009., Cuiabá. Anais do... [Cuiabá] : UFMT, 2009. Disponível em: <<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt16/ComunicacaoOral/IZUMI%20NOZAKI.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2013.

OHPHATA, Thassia. A cara dos nossos jovens. **International Press**, p.6, 21.out. 2008.

RYDIN, Ingegerd; SJORBERG, Ulrika. Narratives about the Internet as a communicative space for identity construction among migrant families. In: RYDIN, I.; SJOBERG, U. (Ed.) **Mediated crossroads: identity, youth culture and ethnicity – theoretical and methodological challenges**. Göteborg: Nordicom, 2008. p.193-214

SOARES, Ismar de O. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, A.O. ; COSTA, M. C.C. (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p.13-30

Agradecimento

Ao Ministério de Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia do Japão, que financiou o programa de mestrado que originou esta pesquisa.

Como citar este texto:

MINAMI, Thiago Amaral. Virtudes e riscos no uso da tecnologia na educação para minorias: Relato de experiência em escola brasileira no Japão. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 15, n. 3, p.534-546, set./dez. 2013. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/3696>>. Acesso em: 21 dez. 2013.